

## Editorial

Neste número que encerra o ano, chegamos à 14ª edição da RUS - Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura Russa da Universidade de São Paulo. Nele reunimos trabalhos que representam bem a diversidade das pesquisas em russística realizadas no Brasil, e também no exterior, com ênfase mais uma vez nos temas relacionados ao Formalismo Russo. Nesse sentido, é com grande satisfação que anunciamos uma nova tradução do cultuado ensaio de Vitor Chklóvski, *A arte como procedimento*, realizada por David G. Molina. Em fartas notas de rodapé, o tradutor procura remontar às fontes das citações do autor, muitas das quais não explicitadas no original russo

No artigo que abre esta edição da RUS, Lucas Simone, Giuliana Almeida e Priscila M. Nascimento, ao procurar investigar como o futuro da Rússia, diante da encruzilhada geográfica e cultural que lhe é inerente, se delineia no pensamento de P. Péstel, A. Herzen e F. Dostoiévski, oferecem uma visada original acerca da famosa querela entre eslavófilos e ocidentalistas, geralmente tida como eixo norteador do debate intelectual russo do século XIX. Em seguida, o artigo das pesquisadoras Z. Prestes, E. Beliakova e E. Tunes apresenta detalhes relevantes da trajetória de vida e obra do crítico literário, poeta, escritor e tradutor David Vigódski, que desempenhou um importante papel de divulgação de obras de escritores da Espanha, de Portugal e dos países da América Latina nos primeiros anos da União Soviética,

O artigo de Arlete Cavaliere discorre sobre Ivan Búnin e os dilemas de um imigrante russo cujos textos narrativos, para além dos cânones da “grande” literatura russa do século XIX, nos encaminham a uma textualidade aberta a experimentações da modernidade que preserva uma russidade essencial. Já Rafael Borgato, no artigo que se segue, um trabalho comparativo de *Madame Bovary* e *Anna Kariênina*, encontra na manifestação do trágico o ponto de contato principal entre

Tolstói e Flaubert e procura apontar como a estrutura trágica do romance oitocentista constrói o imaginário de composição do realismo social, especialmente no caso do autor russo.

Em seguida, Stefano Aloe, tomando como base obras e autores muito diferentes entre si, como Kys, de Tatiana Tolstaia, contos de Isaak Babel, *Capitães de areia*, de Jorge Amado, e *Grande Sertão: Veredas*, de João Guimarães Rosa, procura traçar um percurso de interpretação de alguns mecanismos do artifício literário que os formalistas chamaram de skaz. Aloe encontra como elemento unificador destas obras o ponto de vista, a atitude dos autores diante de seus objetos.

David L. Villaça, em seu artigo, procura refletir sobre alguns aspectos e passagens da obra de Tolstói, buscando compreender as funções do que nela Chklóvski identificou como “processo de estranhamento”, à luz das considerações mais amplas que o crítico desenvolveu em seus ensaios. O artigo de autoria de Raquel Selner e Carlos Roberto Ludwig busca apontar como R. Jakobson, em seus comentários sobre os poemas de Maiakóvski, ao trazer para a interpretação questões biográficas do poeta, rompe com alguns paradigmas metodológicos do Formalismo Russo, conduzindo-o para uma nova fase, já que a primeira não admitia a prática do biografismo.

Ludmila M. Zwick nos presenteia com uma tradução, ilustrada, de dois textos de Velímir Khlébnikov: *Inauguração de uma galeria de arte* e *A Gioconda de Astracã*. E, por fim, o ensaio de Isabella Lisboa busca relacionar os conceitos de “cena da escrita” e “cena da leitura” no livro *A Guerra não tem rosto de mulher*, da escritora bielorrussa Svetlana Aleksiévitich.

Fátima Bianchi